

Os males do tempo

MOACYR SCLIAR

Há uma clara relação entre doenças e épocas. O contexto histórico condiciona o surgimento e/ou a disseminação de enfermidades de várias maneiras. Assim, o incremento da riqueza no início da modernidade e o relaxamento dos costumes, sem falar nos numerosos conflitos bélicos que ocorreram na época, foram de importância decisiva para a explosão da sífilis que se verificou na Europa. No caso de doenças mentais, o “espírito do tempo” é igualmente importante. Certos períodos são ansiogênicos tanto na vida das pessoas como na dos grupos humanos. É o caso da passagem do ano, muitas vezes penosa para os solitários, e é o caso da passagem do século, sempre vivida como um acontecimento transcendente. Foi assim no fim do século 19 e está sendo assim no fim do século 20. Mas as doenças de natureza emocional são diferentes nesses dois períodos.

O fim do século 19, observa Elaine Showalter, é a era do ouro da histeria, uma situação mórbida que passou a ter laços privilegiado nos manuais psiquiátricos da época. O nome, que deriva do grego *hysteron*, útero, mostra que o problema era considerado principalmente feminino, e mais, que estava ligado à genitalidade da mulher e às suas características psicológicas. Como dizia um médico da época, Edward Tilt, a histeria era um quadro mutável porque a mulher é inconstante: “*La donna è mobile*”. Dois sintomas principais eram descritos. Em primeiro lugar, o ataque histerico: a paciente alternadamente ria ou chorava, podia ter movimentos convulsivos, eventualmente desmaiava. Era o que Charcot denominava de “grande histeria”. O outro sintoma era o *globus hystericus*, uma sensação de bola na garganta. Mas também podiam ocorrer paralisias, por exemplo, de um braço; caracteristicamente, isso parecia não impressionar o paciente ou a paciente, uma situação que era descrita como *la belle indifférence*. Tantas situações eram rotuladas como histeria que o famoso neurologista Weir Mitchell dizia que o nome deveria ser mudado para *mysteria*, ou seja, o limbo das doenças femininas não esclarecidas.

Não foi por acaso que a histeria se tornou muito mais visível no *fin-du-siè-*

A depressão assume hoje o lugar que foi da histeria no final do século 19

cle. Trata-se de uma época de grande repressão, tanto política – o terrível castigo imposto aos revoltosos da Comuna de Paris vem logo à mente – como sexual: a Inglaterra vitoriana disso é um exemplo, com as suas perversões e também seus castigos físicos e seus crimes bárbaros, dos quais aqueles cometidos por Jack, o Estripador são um exemplo. O conflito de 1914 – 1918 substituiria a histeria pela neurose de guerra.

Charcot via a histeria como resultado de uma fraqueza constitucional do sistema nervoso, no que era apoiado pelo famoso psiquiatra Pierre Janet (1859 –

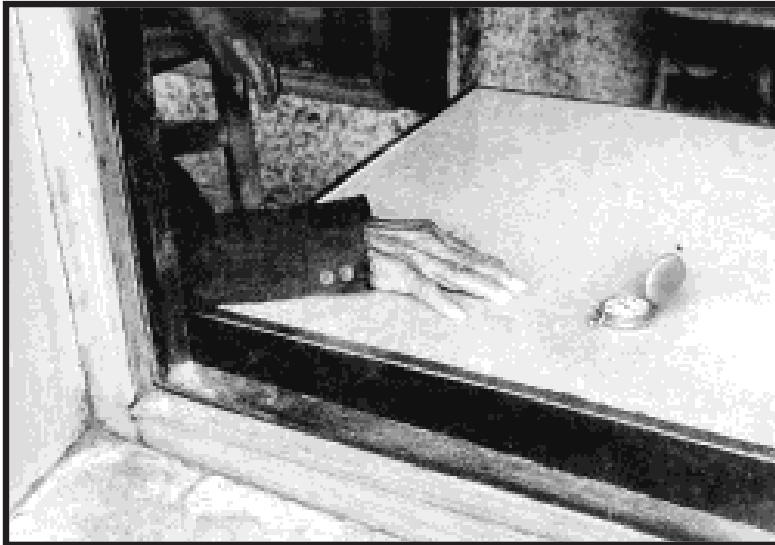
tou numa conversa com seu discípulo Sigmund Freud, que, junto com um colega um pouco mais velho, Joseph Breuer, prosseguiu em seus próprios estudos sobre o tema. Para isto foi fundamental o caso da paciente conhecida como Anna O., tratada por Breuer. Em 1895, os dois publicaram *Estudos sobre a Histeria*. Ali formularam a idéia de que o sofrimento de pacientes histericos deriva da memória reprimida de eventos perturbadores, traumáticos. Breuer, porém, não tinha condições emocionais para manejar o processo de transferência, como o qual se defrontou enquanto

ras de um novo milênio, uma outra doença chama a atenção do público: a depressão. É uma preocupação real: cerca de 30% das pessoas que consultam o médico têm sintomas depressivos, diz Stuart Eisendrath (Universidade da Califórnia). É gente que perdeu o ânimo, o entusiasmo para viver, um sofrimento contínuo e atroz, que o escritor William Styron, ele mesmo um depressivo, comparou a uma “tempestade uivando no cérebro”. Que o problema é muito prevalente mostra-o a procura pelo mais recente anti-depressivo, o Prozac. A pergunta é: por que agora? Será que a depressão é uma doença nova?

Não. Não é. Os gregos já falavam na melancolia, e a Bíblia menciona a mórbida tristeza do rei Saul. De novo, porém: a modernidade deu ênfase a essa situação, como o mostra o grande número de livros que falam do tema e das obras de arte (incluindo a célebre gravura de Albrecht Dürer) que retratam a melancolia. Não há dúvida, porém, de que este final de século está conferindo maior importância à depressão. E há fundamento histórico para tal. Se a repressão sexual manifestou-se na histeria, o que está por trás do quadro depressivo é um outro fenômeno social: a exclusão. Depressivos são aqueles que têm uma perturbação bioquímica do cérebro, mas essa perturbação é causada, ou agravada, pelas circunstâncias em que vivem

as pessoas. A exclusão, ao destruir os laços sociais que ajudam a manter a estabilidade psicológica, age exatamente neste sentido. Depressivos são as pessoas isoladas, depressivos são os desempregados. Vivemos numa sociedade competitiva, em que o neodarwinismo é a regra e na qual a solidariedade foi substituída pela luta de todos contra todos, da qual falava Hobbes. Não é de admirar, que, junto com a depressão, surja a mania, a ela associada e que muitas vezes funciona como antídoto para baixa do *mood*. Para dar um exemplo bem pertinente, no mundo inteiro casais aspiram a ter um bebê do milênio, uma criança que nascerá em 1º de janeiro de 2000 e que supostamente estará livre dos maus eflúvios destes últimos mil anos.

A depressão é uma situação grave, que pode, contudo, ser enfrentada com os recursos atualmente disponíveis. O tratamento medicamentoso tem devolvido a muitos pacientes a energia de que precisam para enfrentar o duro cotidiano, mas falta ainda mexer na bioquímica social, tão importante quanto a bioquímica individual. Uma tarefa que provavelmente ficará a cargo dos bebês do milênio – quando crescerem.



PANTJA ASTAZARAN, ESPECIAL/ZH

1947). Depois, porém, teve a idéia de usar a hipnose para provocar um quadro em tudo semelhante à histeria. Indo além, conseguiu “curar” histericos usando a mesma hipnose. Isso mostrava que não se tratava de lesão neurológica, mas sim de um processo envolvendo a mente. Mais que isso, Charcot suspeitava que a sexualidade estivesse envolvida na gênese da histeria, como comen-

tratava Anna O. Freud teve de prosseguir sozinho. Substituiu então a hipnose, nem sempre aplicável, pelo processo de livre associação – durante o qual muitos pacientes evocaram sonhos, sonhos estes que tinham, deu-se conta, um oculto significado. Lançou assim os fundamentos da psicanálise, que iria marcar o século 20.

Agora, no final do século e às véspe-